

Glauca Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão



Atena
Editora
Ano 2019

Glaucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D536	Diálogos sobre inclusão [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-362-0 DOI 10.22533/at.ed.620192805 1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série. CDD 361.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” foi concebida para cumprir a função de apresentar conteúdos essencialmente informativos e formativos sobre Inclusão Social e Profissional, direcionado àqueles que precisam compreender as bases – históricas, conceituais, organizacionais e legais dos Direitos Humanos. O volume I apresenta 26 capítulos que abordam os vetores da promoção humana como: Família, Sociedade e Tecnologias.

“Incluir socialmente é dar e garantir condições para que uma pessoa possa, de maneira livre e independente, ter o mesmo acesso que outras aos serviços e benefícios da vida em sociedade. Mas não basta pensar a inclusão social apenas sob a ótica das necessidades e simplesmente criar mecanismos ou facilidades compensatórias aos excluídos. É preciso ir além, mais que uma reforma, é preciso uma revolução no modo como enxergamos o excluído, que não deve ser objeto de pena ou dó e sim de respeito e consideração como ser humano e cidadão que é” (ALMEIDA, 2016)

A Declaração Universal dos Direitos humanos - marco histórico - inspirou as nações para o envolvimento em prol dos movimentos sociais de enfrentamento da discriminação e exclusão social de minorias, tornando-se referência para o desenvolvimento de Pactos e Convenções norteadoras da promoção humana no mundo.

Contudo, nós acreditamos, que esta coletânea irá inspirar e encorajar, Profissionais, Educadores e sociedade em geral a refletir sobre todas as possibilidades que o seu meio social, núcleo familiar e atitudes individuais podem minimizar as desigualdades e promover o desenvolvimento social igualitário.

Glaucia Wesselovicz
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL	
Ernny Coêlho Rêgo Marinina Gruska Benevides	
DOI 10.22533/at.ed.6201928051	
CAPÍTULO 2	12
ANALISANDO A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO HETERONORMATIVA DA MASCULINIDADE	
Arthur Furtado Bogéa Iran de Maria Leitão Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.6201928052	
CAPÍTULO 3	23
O DIREITO À DISCUSSÃO DE TEMÁTICAS PERTINENTES À ESFERA SOCIAL E À PRODUÇÃO DO TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO: UM PROCESSO DE LETRAMENTO ESCOLAR E PRODUÇÃO TEXTUAL NA EJA	
Ferdiramar Farias Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.6201928053	
CAPÍTULO 4	33
O SILÊNCIO: SUTIL LEGITIMIDADE DA VIOLÊNCIA SOBRE A EXISTÊNCIA LÉSBICA	
Mariluce Vieira Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.6201928054	
CAPÍTULO 5	44
ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO: O DIREITO DE APRENDER	
Osiolany da Silva Cavalcanti Gloria Maria de Sousa Leitão Melo	
DOI 10.22533/at.ed.6201928055	
CAPÍTULO 6	52
PERSPECTIVAS E DESAFIOS DO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM EM EJA: UM OLHAR SOBRE O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA EJA NO MUNICÍPIO DE SOLEDADE-PB	
Edivânia Paula Gomes de Freitas Leandra da Silva Santos Maria José Guerra Meiryllianne Suzy Cruz de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.6201928056	
CAPÍTULO 7	65
PROGRAMA DE ATENÇÃO E ORIENTAÇÃO AO ALUNO (PROATO): UM OLHAR HUMANIZADO AO ALUNO DO ENSINO SUPERIOR	
Analice Oliveira Fragoso Sheila Carla de Souza Rinaldo Molina	
DOI 10.22533/at.ed.6201928057	

CAPÍTULO 8	73
MULHERES QUE SE DESTACARAM NA HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Jane Cleide de Almeida Cordeiro	
Kátia Maria de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.6201928058	
CAPÍTULO 9	88
ACESSIBILIDADE ATRAVÉS DA ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA URCA	
Francisca Raquel Miguel de Sousa	
Francisca Nailene Soares Vieira	
Martha Milene Fontenelle Carvalho	
David Soares Vieira	
Rosane Santos Gueudeville	
Isac Vieira Leite	
DOI 10.22533/at.ed.6201928059	
CAPÍTULO 10	97
APLICAÇÃO MÓVEL COLABORATIVA PARA DISSEMINAÇÃO DE SINAIS E INTEGRAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Erika Patrícia Martins Ferreira	
Crysthian Fhylype Ribeiro Marinho	
Eveline de Jesus Viana Sá	
DOI 10.22533/at.ed.62019280510	
CAPÍTULO 11	104
A (RE) CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE LIBRAS/L1 NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Letícia de Almeida Cordeiro	
Josinete Pessoa Nunes	
Niédja Maria Ferreira de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.62019280511	
CAPÍTULO 12	115
INCLUSÃO DIGITAL - INFORMÁTICA PARA A 3ª IDADE	
Bruna Cristina de Albuquerque Sebold	
Felipe Souza Davies	
Marcelo Nepomoceno Kapp	
DOI 10.22533/at.ed.62019280512	
CAPÍTULO 13	122
JOGOS COOPERATIVOS DE INCLUSÃO BILÍNGUE: ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR PARA ALUNOS COM SURDEZ	
Maria de Lourdes Leite Paiva	
Robéria Vieira Barreto Gomes	
Querem Hapuque Monteiro Alves Muniz	
Raquel Araújo Pompeu	
DOI 10.22533/at.ed.62019280513	

CAPÍTULO 14 133

NUSOEP: NÚMEROS, SÍMBOLOS, OPERAÇÕES E EQUAÇÃO DO PRIMEIRO GRAU. UM KIT EVOLUTIVO PARA DE MATEMÁTICA PARA DEFICIENTES VISUAIS

Kíssia Carvalho
Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Marcos Antônio Petrucci de Assis
José Nunes Aquino
Luciene do Carmo Santos

DOI 10.22533/at.ed.62019280514

CAPÍTULO 15 144

O USO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE ALUNOS SURDOS

Bruna Ismaela Cunha Silva
Thayse Lopes dos Santos
Niédja Maria Ferreira Lima
Conceição de Maria Costa Saúde

DOI 10.22533/at.ed.62019280515

CAPÍTULO 16 152

PROJEÇÃO CILÍNDRICA ORTOGONAL: UMA APRENDIZAGEM EM UM AMBIENTE VIRTUAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA SURDOS

Natana Souza da Rosa
Vania R. Ulbricht

DOI 10.22533/at.ed.62019280516

CAPÍTULO 17 168

QUEM GANHOU O JOGO? ANÁLISE DE UM LIVRO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO

Andréa Paula Monteiro de Lima
Dayse Bivar da Silva
José Mawison Cândido de Lima

DOI 10.22533/at.ed.62019280517

CAPÍTULO 18 180

TECNOLOGIA ASSISTIVA DE BAIXO CUSTO COMO COLABORAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO

Maria de Lourdes Leite Paiva
Francisca Janaína Dantas Galvão Ozório
Raquel Araújo Pompeu
Robéria Vieira Barreto Gomes
Maria José Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.62019280518

CAPÍTULO 19 191

A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NO DESVELAR DA CRIANÇA COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA PROMOÇÃO E FAVORECIMENTO DE PRÁTICAS SOCIAIS E AMBIENTAIS

Dilma Costa Nogueira Dias
Mônica de Nazaré Carvalho
Daniel Sulyvan Santana Dias
Anderson Costa Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.62019280519

CAPÍTULO 20	198
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM DESAFIO PARA FAMÍLIA, ESCOLA E EDUCADORES	
Miriam Paulo da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.62019280520	
CAPÍTULO 21	209
FAMÍLIA E ESCOLA: DESAFIOS À PARTICIPAÇÃO, INCLUSÃO E ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM	
Osicleide de Lima Bezerra	
Geraldo Alexandre de Oliveira Gomes	
Ana Paula Taigy do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.62019280521	
CAPÍTULO 22	221
O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NUMA PERSPECTIVA AFETIVA	
Marciel Carlos de Sousa	
Francisco Roberto Diniz Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.62019280522	
CAPÍTULO 23	232
O PROCESSO DE INTERVENÇÃO NO ÂMBITO DO AEE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM FOCO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Acreciana de Sousa Melo	
Fernanda Maria da Silva Cardeal	
Francisca Nailene Soares Vieira	
Martha Milene Fontenelle Carvalho	
Rosani de Lima Domiciano	
Sâmia Maria Lima dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.62019280523	
CAPÍTULO 24	241
PERFIL EDUCACIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ADICTOS ASSISTIDOS PELA SAÚDE MENTAL NA PARAÍBA, BRASIL	
Angélica Vanessa de Andrade Araújo Lira	
Évelyn Morgana de Mélo Alves	
Rayssa Pereira de Souza	
Clésia Oliveira Pachú	
DOI 10.22533/at.ed.620192805224	
CAPÍTULO 25	251
REDE DE APOIO A INCLUSÃO ESCOLAR: O QUE DIZEM AS MÃES DE DUAS CRIANÇAS AUTISTAS	
Camila Pimentel Machado Gonçalves	
Suelene Regina Donola Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.620192805225	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	266

JOGOS COOPERATIVOS DE INCLUSÃO BILÍNGUE: ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR PARA ALUNOS COM SURDEZ

Maria de Lourdes Leite Paiva

Prefeitura Municipal de Fortaleza/SME – Fortaleza
- Ceará

Robéria Vieira Barreto Gomes

Universidade Federal do Ceará – Fortaleza -
Ceará

Querem Hapuque Monteiro Alves Muniz

Prefeitura Municipal de Fortaleza SME –
Fortaleza - Ceará

Raquel Araújo Pompeu

Prefeitura Municipal de Fortaleza SME – Fortaleza
- Ceará

RESUMO: Essa pesquisa foi realizada em uma Escola de Fortaleza e teve como objetivos conhecer os aspectos sócioafetivo, socioambiental e sócio-cognitivo com as Atividades Físicas Inclusivas – AFI, através dos jogos cooperativos de inclusão bilíngue de uma aluna de iniciais MF de 13 anos do 5º ano e analisar como acontece a socialização com seus pares. O estudo foi realizado no período de fevereiro a dezembro de 2015 com uma aluna que frequenta o AEE. Para fundamentarmos a investigação utilizamos os estudos de FERREIRA (2011), SASSAKI (2005) e VYGOTSKY (1993). Como instrumentos de coleta de dados utilizamos a análise documental e observação da aluna no AEE da SRM. Os resultados apontaram que nesse

período notou-se que sua oralidade era falha, MF não sentia-se a vontade no atendimento, decidiu-se fazer o atendimento indireto na sala de aula comum, 50min duas vezes na semana, com o currículo de LIBRAS através de jogos cooperativos de inclusão: contação de história, dominó humano, conversação. A partir desse processo aproximadamente um mês de intervenção notou-se um grande avanço na afetividade e socialização de MF através da comunicação bilíngue com seus pares e elevação da autoestima. Antes da intervenção MF tinha grandes dificuldades em compreender palavras simples como CASA-A em Português/ Libras-L2. Dessa forma decidiu-se favorecer a inclusão escolar nas dimensões Atitudinal, Comunicacional, Instrumental e Metodológica no uso de jogos cooperativos de inclusão e concluiu-se que essa metodologia nos propiciou os resultados satisfatórios nos aspectos em referência.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos cooperativos de inclusão, Surdez, Aspectos sócioafetivo, socioambiental e sócio-cognitivo.

ABSTRACT: This research was carried out in a School of Fortaleza and had as objectives to know the socio-affective, socioenvironmental and socio-cognitive aspects with the Inclusive Physical Activities - AFI, through cooperative games of bilingual inclusion of a 13-year-old MF

student of the 5th year and analyze how socialization happens with peers. The study was conducted in the period from February to December 2015 with a student attending the ESA. In order to base the research, we used the studies of FERREIRA (2011), SASSAKI (2005) and VYGOTSKY (1993). As data collection instruments we used the documentary analysis and observation of the student in the ESM of SRM. The results indicated that in this period it was noticed that their orality was flawed, MF did not feel comfortable in attendance, it was decided to perform the indirect attendance in the common classroom, 50min twice a week, with the curriculum of LIBRAS through cooperative games of inclusion: storytelling, human domino, conversation. From this process approximately one month of intervention a great advance in the affectivity and socialization of MF through bilingual communication with its peers and elevated self-esteem was noticed. Before the intervention MF had great difficulties in understanding simple words like CASA - / \ in Portuguese / Libras-L2. Thus, it was decided to favor school inclusion in the Attitudinal, Communicational, Instrumental and Methodological dimensions in the use of cooperative games of inclusion and it was concluded that this methodology gave us satisfactory results in the aspects in reference.

KEYWORDS: Cooperative games of inclusion, Deafness, Socio-affective aspects, social-environmental and socio-cognitive.

1 | INTRODUÇÃO

Os jogos cooperativos para educação bilíngue estão sendo desenvolvido cada vez na promoção dos alunos surdos. Estudos indicam que as definições de jogos e brincadeiras são baseadas na literatura e pesquisa que foram desenvolvidas em diferentes populações (ROCHA FERREIRA, 2006; ROCHA FERREIRA; FERREIRA, 2005; ROCHA FERREIRA et al., 2005). Partindo desse contexto, essa pesquisa justifica-se por compreendermos que os Jogos são atividades físicas ou mentais, com caráter lúdico, de divertimento, e organizados por um sistema de regras que define quem ganha e quem perde. Além disso, requerem habilidades específicas, estratégias e/ou sorte. Brincadeiras são atividades com caráter de desenvolvimento, sem a conotação de perder e ganhar, e atividades físicas inclusivas são quaisquer atividades físicas tanto esportivas como brincadeiras lúdicas que se possa utilizá-las com a participação de toda clientela que se tenha em um grupo com e sem deficiência.

Seguindo a linha de raciocínio de LIMAVERDE (2010), percebeu-se que essa escolarização para a criança com Surdez é diferenciada na maneira de ser articulada em relação às outras deficiências e decidiu-se promover estratégias de desenvolvimento utilizando as Atividades Físicas Inclusivas através dos jogos cooperativos de inclusão, seguindo a linha de pensamento de FERREIRA (2011).

Nesse contexto, os objetivos dessa pesquisa foram conhecer os aspectos sócioafetivo, socioambiental e sócio-cognitivo com as Atividades Físicas Inclusivas – AFI, através dos jogos cooperativos de inclusão bilíngue da aluna de iniciais MF de 13

anos do 5º ano e analisar como acontece à socialização com seus pares.

Atualmente valoriza-se o bilinguismo, método criado em 1981, por Daniele Bouvet, que valoriza a língua natural do surdo, e tem como pressuposto que o indivíduo surdo deve ser bilingue, ou seja, que ele deva adquirir como língua materna a língua de sinais, considerada sua língua natural, e como segunda língua, a língua oficial de seu país. O surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo aceitar e assumir sua surdez, formando uma comunidade, com cultura e língua própria, DORZIAT (1997), esclarece que a concepção do oralismo visa à integração dos surdos, na comunidade de ouvintes, condicionando-os ao aprendizado e desenvolvimento da linguagem oral. Considera-se que, para a boa comunicação, a pessoa com surdez deve ser bem oralizada, sendo o principal objetivo dessa filosofia, como já foi apresentado, realizar reabilitação da criança surda em direção à “normalidade”, à “não surdez”, e segundo VYGOTSKY (1993), o homem se produz na e pela linguagem, isto é, é na interação com outros sujeitos que formas de pensar são construídas por meio da apropriação do saber da comunidade em que está inserido o sujeito. A relação entre homem e mundo é uma relação mediada, na qual, entre o homem e o mundo existem elementos que auxiliam a atividade humana. Estes elementos de mediação são os signos e os instrumentos. O trabalho humano, que une a natureza ao homem e cria, então, a cultura e a história do homem, desenvolve a atividade coletiva, as relações sociais e a utilização de instrumentos. Os instrumentos são utilizados pelo trabalhador, ampliando as possibilidades de transformar a natureza, sendo assim, um objeto social e de acordo com esse pensamento empenhou-se em elaborar estratégias que minimizassem as barreiras existentes para esse desenvolvimento e assim foi realizado com as Atividades Físicas Inclusivas através dos jogos cooperativos de inclusão bilíngue associado aos instrumentais de Avaliação do Desenvolvimento Psicomotor - ADP da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Esse experimento foi realizado no período de fevereiro a dezembro de 2015 com uma aluna surda de inicial M.F. do AEE/SRM, onde foram atendidos aproximadamente 42 alunos com Deficiência, Transtorno Global do Desenvolvimento¹, Altas Habilidades/ Superdotação. O Plano elaborado teve início em meados do mês de fevereiro com estratégia indireta de Atendimento Educacional Especializado.

Os Resultados apontaram que, M. F., sujeito dessa pesquisa, apresenta diagnóstico de Perda Auditiva Profunda Bilateral, segundo exame de audiometria realizado no Núcleo de Tratamento e Estimulação Precoce - NUTEP. A referida aluna não sentia-se a vontade no atendimento, decidiu-se fazer o atendimento indireto na sala de aula comum, 50min duas vezes na semana, com o currículo de LIBRAS através de jogos cooperativos de inclusão: Contação de história, dominó humano, conversação. Notou-se um grande avanço na afetividade e socialização de MF através da comunicação bilíngue com seus pares e elevação da autoestima. Dessa forma, concluímos que uso de jogos cooperativos de inclusão propiciou os resultados satisfatórios nos aspectos

¹ Nova Reformulação do DSM-V foi substituído para Transtorno do Espectro do Autismo – TEA.

em referência. No próximo item vamos conhecer os aspectos metodológicos que nortearam os resultados da pesquisa.

2 | METODOLOGIA

Para alcançarmos os objetivos propostos, utilizamos o estudo de caso, que segundo Merriam (1988) “[...] é um estudo sobre um fenômeno específico tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, um processo, uma instituição ou um grupo social”, ou seja, é uma investigação que busca estudar o sujeito na sua amplitude. Como instrumentos de coletas empregamos a observação do aluno no ambiente escolar; entrevista com a família a mãe da aluna e análise documental: relatórios da professora de sala comum, avaliação diagnóstica e análise documental como laudo médico e exames realizados. O resultado da análise do material nos proporcionou investigar a elaboração de um Plano de AEE adequado as suas necessidades educacionais.

Para subsidiarmos a fundamentação teórica buscou-se estudos nas pesquisas já consolidadas de autores como DORZIAT (1987), FERREIRA (2011), LIMAVERDE (2010), SASSAKI (2005), VYGOTSKY (1989) dentre outros.

3 | JOGOS COOPERATIVOS DE INCLUSÃO BILÍNGUE: ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL

A proposta de Educação Física inclusiva passa necessariamente por práticas/vivências corporais que supõem uma colaboração estreita entre professores e alunos. Por isso, os objetivos pedagógicos estarão sendo estabelecidos a partir das possibilidades de cada aluno e é importante salientar que antes de iniciar uma atividade prática, por exemplo, a mesma seja demonstrada. Enfim, a Educação Física inclusiva é um desafio que pode/deve ser plenamente cumprido. Mas, para isso, é necessário quebrar/desestabilizar práticas cristalizadas e atuar com práticas corporais relacionais, que respeitem as diferenças de cada um (FERREIRA, 2011).

Dessa forma, tecnologias vêm sendo utilizadas no intuito de favorecer essas práticas inclusivas, como exemplo os Jogos Cooperativos, os quais se caracterizam pela aplicação de jogar com o outro e não contra o outro.

As definições de jogos e brincadeiras são baseadas na literatura e pesquisa que foram desenvolvidas em diferentes populações. Que os jogos são atividades físicas ou mentais, com caráter lúdico, de divertimento, são organizados por um sistema de regras que define quem ganha e quem perde e, além disso, requerem habilidades específicas, estratégias e/ou sorte. As brincadeiras são atividades com caráter de desenvolvimento, sem a conotação de perder e ganhar (ROCHA FERREIRA, 2006; ROCHA FERREIRA; FERREIRA, 2005; ROCHA FERREIRA et al., 2005).

Os Jogos Cooperativos de inclusão fazem parte da Educação Física Inclusiva e são dinâmicas de grupo, que têm por objetivo despertar a consciência de cooperação e promover efetivamente a ajuda entre as pessoas. Neste, aprende-se a considerar o outro que joga como um parceiro, e não como adversário, fazendo com que a pessoa aprenda a se colocar no lugar do outro, e não priorizar apenas o seu lado (FERREIRA, 2011).

Dessa forma, percebe-se que esse tipo de modalidade busca unir as pessoas e reforçar a confiança em si mesma e nos outros, as pessoas geralmente participam autenticamente, pois ganhar ou perder não é o que realmente importa, e ainda ajuda as pessoas a se libertarem da competição, seu objetivo maior é a participação de todos por uma meta em comum, sem agressão física, e cada um no seu próprio ritmo.

Os jogos cooperativos ajudam as pessoas a aprenderem a trabalhar em grupos, muito por não existir uma faixa etária específica em cada jogo, desde crianças até adultos. O que mais importa em jogos cooperativos é a colaboração de cada indivíduo do grupo, e o que cada um tem para oferecer no momento da atividade, independente da sua limitação (SOLER, 2003).

Segundo VYGOTSKY (1989), a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento. Todo e qualquer processo de aprendizagem é ensinoaprendizagem, incluindo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre eles. Ele explica esta conexão entre desenvolvimento e aprendizagem através da zona de desenvolvimento proximal (distância entre os níveis de desenvolvimento potencial e nível de desenvolvimento real), um “espaço dinâmico” entre os problemas em que uma criança pode resolver sozinha (nível de desenvolvimento real) e os que deverá resolver com a ajuda de outro sujeito mais capaz no momento, para em seguida, chegar a dominá-los por si mesma (nível de desenvolvimento potencial). E que o homem se produz na e pela linguagem e é na interação com outros sujeitos que formas de pensar são construídas por meio da apropriação do saber da comunidade em que está inserido o sujeito.

Nesse sentido, a presente pesquisa buscou desenvolver um jogo cooperativo para ser utilizado com pessoas surdas, o “dominó bilíngue humano”, o qual é um jogo cooperativo de inclusão que possui metodologia de fácil aplicação, prazerosa, e que estimula a equilíbrio sócioafetiva/emocional e socioambiental e sócio-cognitiva, ajudando no desenvolvimento cognitivo da clientela.

A utilização dessa prática contribui para uma cooperação e solidariedade relacionais com seus pares e ambientes, a elevação da autoestima, e conseqüentemente a facilitação da aprendizagem, e troca de saberes de todos os participantes.

Dessa forma, a relevância da pesquisa é fundamentada no fato que o jogo é uma atividade social que contribui de forma prazerosa no desenvolvimento global da criança; inteligência, afetividade, motricidade e sociabilidade, e ajuda a criança a reconhecer suas potencialidades e aprender a superar seus próprios limites.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nossos resultados mostraram que a aluna chegou à escola com dificuldades na adaptação e rotina em sala de aula comum, não participava de nenhuma atividade, não existia espaço que lhe agradasse, sempre retraída em sua cadeira, foi organizado dois atendimentos no AEE, a mãe veio com a aluna apenas três atendimentos, pois, a mesma não sentia-se a vontade, na Avaliação Diagnóstica e nos ambientes da escola, percebeu-se que M. F. estava com os aspectos sócioafetivo/emocional e socioambiental bastantes comprometidos e que sua oralidade era falha, além de que a aluna estava na fase inicial da adolescência.

Em estudos realizados percebe-se que pessoas com surdez são pensadores visuais e de linguagem, que crianças não-verbais terão mais facilidade em associar palavras às figuras se visualizarem a palavra escrita e a figura em um cartão. Como alguns não entendem desenhos, é recomendável trabalhar-se primeiramente com objetos reais e fotos e alguns conceitos devem ser demonstrados de forma concreta como teatral ou cênica.

Devido à rejeição de M. F. ao Atendimento Educacional Especializado respeitou-se a vontade e individualidade da mesma, porém, decidiu-se organizar um atendimento estratégico e indireto para eliminar as dificuldades e barreiras existentes no desenvolvimento dos aspectos sócioafetivo, sócioambietal e cognitivo. O atendimento foi organizado da seguinte forma: de fevereiro a dezembro de 2015; duas vezes por semana; tempo de atendimento de 50 minutos. A composição do atendimento: coletivo em sala comum e em quadra, pátio ou extracurricular.



Figura 1 – Aula de LIBRAS na sala de aula comum

Fonte: Autor PAIVA, 2015 (Imagem das aulas de LIBRAS na sala de aula comum dos alunos do 5º ano da referida pesquisa)



Figura 2 – A aluna expressando alegria por ter conhecimento no assunto

Fonte: Autor PAIVA, 2015 (Imagem das aulas de LIBRAS na sala de aula comum dos alunos do 5º ano da referida pesquisa)



Figura 3 – Alunos interagindo apresentando seu nome em LIBRAS para o colega

Fonte: Autor PAIVA, 2015 (Imagem das aulas de LIBRAS na sala de aula comum dos alunos do 5º ano da referida pesquisa)



Figura 4 – Professora da sala de aula comum aprendendo juntos com os alunos a LIBRAS.

Fonte: Autor PAIVA, 2015 (Imagem das aulas de LIBRAS na sala de aula comum dos alunos do 5º ano da referida pesquisa)



Figura 5 – Professora da sala de aula comum aprendendo juntos com os alunos a LIBRAS.

Fonte: Autor PAIVA, 2015 (Imagem das aulas de LIBRAS na sala de aula comum dos alunos do 5º ano da referida pesquisa)

O atendimento em sala foi realizado através de jogos cooperativos de inclusão, utilizando sempre a ciranda com contação de história bilíngue, dominó bilíngue de palavras, figuras, sinais em instrumentos concretos construídos para esse fim, e em quadra com as atividades físicas inclusivas com todos os alunos com e sem deficiência (pares) para facilitar a inclusão da mesma.



Figura 6 – Peça do jogo cooperativo de inclusão denominado Dominó Humano

Fonte: Autor PAIVA, 2015 (Recurso pedagógico construído e utilizado para o desenvolvimento sócio-cognitivo dos alunos do 5º ano da referida pesquisa)



Figura 7– Peça do jogo cooperativo de inclusão denominado Dominó Humano

Fonte: Autor PAIVA, 2015 (Recurso pedagógico construído e utilizado para o desenvolvimento sócio-cognitivo dos alunos do 5º ano da referida pesquisa).

Esse recurso pedagógico segue a metodologia do jogo de dominó, é um recurso que desenvolve nos participantes a percepção, atenção e memória, assimilação, classificação de sinais e cores, todas as peças se encaixam entre si com detalhamento de cores, que facilitam a aprendizagem do bilinguismo, as peças são de A à Z incluindo o Ç, em L2, PORTUGUÊS/LIBRAS, é utilizado em ciranda, pode ser realizado em qualquer lugar como sala comum de ensino regular, pátio, biblioteca, quadra e etc. Se observarmos a Figura 6 em seu rodapé e direita podemos ver que a cor em volta é verde escuro sinalizando o Cê-cedilha e na Figura 7 na esquerda e cabeçalho a cor também é verde escuro sinalizando a letra Cê-cedilha, isso apresenta um elo que é percebido pelos alunos nas práticas do jogo, é um jogo cooperativo de inclusão porque ao longo da prática os mesmos vão unindo as mãos após a realização do sinal, se esquecer pode olhar para o colega anterior, uma prática lúdica que desperta a espontaneidade de colaboração dos envolvidos e aprendem se divertindo.

Os materiais produzidos e utilizados com os alunos foram: praxia fina (colagem em linhas retas, sinuosas e verticais); Computador e teclado; Agenda Diária; Construir vocabulário bilíngue para ler e escrever, quando são aprendizagens visuais; Instruções curtas facilitam a aprendizagem; Tarefas gradativas; Trabalhar com o que o aluno gosta; Verbalizar em LIBRAS a estrutura da frase para o aluno ou até escrever para ele copiar; Pintura e desenho.

Para haver um melhor desenvolvimento com maior rapidez e dinâmica da evolução do aluno fez-se necessários, parcerias com outras instituições e profissionais de áreas específicas, a saber: Família; Psicólogo; Fonoaudiólogo e a principal estratégia que foi a articulação com a Professora da sala de aula comum.

Na sala comum apenas no período de fevereiro a junho, notou-se avanços significativos de aprendizagem em relação a M. F., seus pares e professora de sala, tanto os alunos como a professora não tinham conhecimentos com a LIBRAS, as aulas

tornaram-se disputadas pela a referida clientela, a turma ficou ansiosa pelas aulas de Libras devido ser conteúdo diferente e com metodologia lúdica, percebeu-se durante esse período que os alunos aprenderam o alfabeto e nomes, aprendizagem relevante na língua de sinais, comunicavam-se através da linguagem alfabética e alguns sinais entre si e com M. F., facilitou-se a comunicação e compreensão da referida aluna com seus pares e professora. A metodologia foi tão bem aceita que até a gestão escolar participava em alguns momentos, durante todo o período da pesquisa a professora do AEE por hipótese alguma poderia faltar nos dias das aulas, pois, as mesmas eram muito esperadas por todos da sala.

Nesse íterim, observou-se elevação da autoestima de M. F., julgava-se mais inteligente nos momentos das aulas, orientava os colegas, participava das atividades em sala e demonstrava-se sempre alegre e sorrindo, seu comportamento mudou bastante.

Em quadra no início não aceitava participar e de acordo que acontecia às práticas cooperativas em sala comum ela foi demonstrando interesse em participar de todas as atividades, no final do processo a mesma externava está bem socializada, participava também das atividades culturais da escola que antes essas ações não eram possíveis devido ao comportamento atípico da mesma, o seu desenvolvimento cognitivo foi tão expressivo que sua mãe não queria que a mesma saísse da escola, porém, não foi possível por ser uma escola de 1º ao 5º anos e naquele momento reter a aluna no mesmo ano, poder-se-ia ter um efeito negativo emocional na aluna.

Segundo a professora da sala comum, essa estratégia foi de fundamental importância não só para M. F., mais para todos os envolvidos, pois proporcionou o aprendizado nessa clientela, despertou o sentimento de solidariedade, companheirismo e amizade mútua, pois sabe-se que hoje e sempre todos os indivíduos são considerados na mesma normalidade, porém, respeitando-se as diferenças individuais.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o desenvolvimento humano, está imbricado ao próprio DPM (Desenvolvimento Psicomotor) lado a lado com os aspectos cognitivos, afetivos e sociais. E, portanto, pode-se dizer que o desenvolvimento está presente na maioria das ações, seja na escola, na família ou em lugares diversas de socialização ambiental como a dança, a recreação, o esporte e lazer.

Nessa ótica, e de acordo com os resultados obtidos os objetivos foram alcançados, a metodologia foi muito bem aplicada, porém, necessita que seja replicada por outros professores da sala de aula comum e em formação de professores.

E que a princípio, o conhecimento acerca do desenvolvimento motor teve muito a contribuir com os programas de intervenção em Educação Física Inclusiva ou Atividades Físicas Inclusivas e que os objetivos propostos até o momento estão sendo satisfatórios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do Art. 60 da Lei N^o. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto N^o. 6.253, de 13 de novembro de 2007. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <www.mec.gov.br/seesp>. Acesso em: 03. maio. 2010.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Ensino de Língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Vol.2, 2^a ed., Brasília: MEC/SEESP, 2007.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez.** 4^a ed. , Brasília: MEC/SEESP, 2006.

DORZIAT, A. Metodologias específicas ao ensino de surdos: análise crítica. **Integração**, n. 18, p. 13-8, 1997.

FERREIRA, E. L. **Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência**, /Eliana Lucia Ferreira (organizadora). - Mogi das Cruzes : Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, 2011. 238 p. : il. ; 21 cm. — (Inclusão e deficiência ; v. 2)

_____, **Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência** / Eliana Lucia Ferreira (organizadora). - Mogi das Cruzes : Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, 2011. 238 p. : il. ; 21 cm. — (Inclusão e deficiência ; v. 4)

_____, **Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência** / Eliana Lucia Ferreira (organizadora) Mogi das Cruzes; Confederação Brasileira de Dança em Cadeiras de Rodas, 2011. (Inclusão e deficiência; v.8).

LIMAVERDE, A; POULIN, J. R.; FIGUEIREDO, R. V. **Atendimento Educacional Especializado do aluno com deficiência intelectual.** São Paulo: Moderna, 2010.

GOMES, R. V. B.; FIGUEIREDO, R. V.; SILVEIRA, S. M. P.; CAMARGO, A. M. F. **Políticas de Inclusão Escolar e Estratégias Pedagógicas no Atendimento Educacional Especializado** 2016.

Merriam, S. (1988) **Case study research in education: A qualitative approach.** San Francisco, CA: Jossey-Bass.

SASSAKI, R.K. **Acessibilidade total:** uma questão de direitos humanos, CANOAS, 2005. Texto abordado na I Conferência Municipal de Direitos da Pessoa com Deficiência, do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência de Canoas, em 21 de setembro de 2005, na cidade de Canoas; RS.

SOLER, R. **Jogos Cooperativos para Educação Infantil.** Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

VYGOTSKY: **Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio- histórico.** Scipione. Série Pensamento e Ação no Magistério. 1993.

_____, Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1989. p. 103-117.

_____, **Pensar a educação: contribuições de Vygotsky.** In: Piaget- Vygotsky: novas contribuições para o debate. São Paulo:Ática, 1988.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Glaucia Wesselovicz - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-362-0

